

Entre degraus e desafios: Um estudo sobre os níveis de participação juvenil na construção da autonomia através dos Clubes de Protagonismo e do Ensino Médio Integrado

Wanderley de Sousa Silva (IFPB, Campus João Pessoa), Luís Gomes de Moura Neto (IFPB, Campus Sousa).

E-mails: wanderley.sousa@academico.ifpb.edu.br, luis.moura@ifpb.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.08.07.07-8 Ensino Profissionalizante

Palavras-chave: Autopercepção; Clubes de Protagonismo; Ensino Médio Integrado; Escada de Participação.

1. Introdução

Para Pacheco (2010) “as novas formas de relação entre conhecimento, produção e relações sociais demandam o domínio integrado de conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos.” Portanto, se faz necessário o desenvolvimento de um processo educativo voltado a essa integração, a esta interrelação. Tal realidade pode ser encontrada nos Clubes de Protagonismo Juvenil presente nas Escolas Cidadãs Integrais do estado da Paraíba, onde “o Clube Juvenil chega como um espaço criado para jovens estudantes onde poderão desenvolver diversas atividades relacionadas às suas experiências e necessidades no intuito de propiciar a autonomia, o trabalho em equipe, a auto-organização e tomadas de decisões”, conforme defende Santos (2020).

Sendo assim, o Clube de Protagonismo Juvenil se estabelece como um espaço, dentro do ambiente escolar, onde os jovens podem desenvolver atividades que lhes são significativas e que lhes oportunizam crescimento pessoal, não só intelectual, mas também de cunho social e político, levando em consideração a importância do processo integrado, de atividades curriculares e extracurriculares, na construção do conhecimento no indivíduo. Silva (2018) ainda afirma que “os Clubes de Protagonismo promovem e estimulam o trabalho em equipe a partir da integração dos estudantes em atividades relacionadas às suas habilidades pessoais”.

Diante dessas discussões, surge o questionamento: como os jovens, que vivenciam as atividades dos clubes no contexto do Ensino Médio Integrado (EMI), identificam se sua participação tem sido efetiva? Essa resposta tem por objetivo de evidenciar o impacto da vivência nos clubes em um contexto de EMI no desenvolvimento da autonomia juvenil, se quer, também, verificar a autopecepção dos jovens sobre seus próprios níveis de participação em diversos contextos, além de podermos identificar esses níveis de participação baseados nos posicionamentos dos jovens em relação a alas particulares do ambiente escolar.

2. Materiais e métodos

Para a coleta das informações necessárias, foi buscado uma escola, a Escola Cidadã Integral Erenice Cavalcante Fidelis, em Bayeux-PB, que possui clubes de protagonismo ativos. Ao chegar, foi apresentado aos 48 estudantes com participação ativa em clubes, a teoria de Costa (2000), que estabelece a Escada de Participação Juvenil, composta por um total de 10 degraus, diferentes entre si, sendo elas: **1. Participação manipulada** – Os adultos determinam e controlam o que os jovens devem fazer. **2. Participação decorativa** – Os jovens apenas marcam presença em uma ação, sem influir no seu curso. **3. Participação simbólica** – A presença dos jovens em uma atividade ou evento serve apenas para mostrar e lembrar aos adultos que eles existem. **4. Participação operacional** – Os jovens participam apenas da execução de uma ação. **5. Participação planejadora e operacional** – Os jovens participam do planejamento e da execução de uma ação. **6. Participação decisória, planejadora e operacional** – Os jovens participam da decisão de se fazer algo ou não, do planejamento e da execução de uma ação. **7. Participação decisória, planejadora, operacional e avaliadora** – Os jovens participam da decisão, do planejamento, da execução e da avaliação de uma ação. **8. Participação colaborativa plena** – Os jovens participam da decisão, do planejamento, da execução, da avaliação e da apropriação dos resultados. **9. Participação plenamente autônoma** – Os jovens realizam todas as etapas. **10. Participação condutora** – Os jovens, além de realizar todas as etapas, orientam a participação dos adultos.

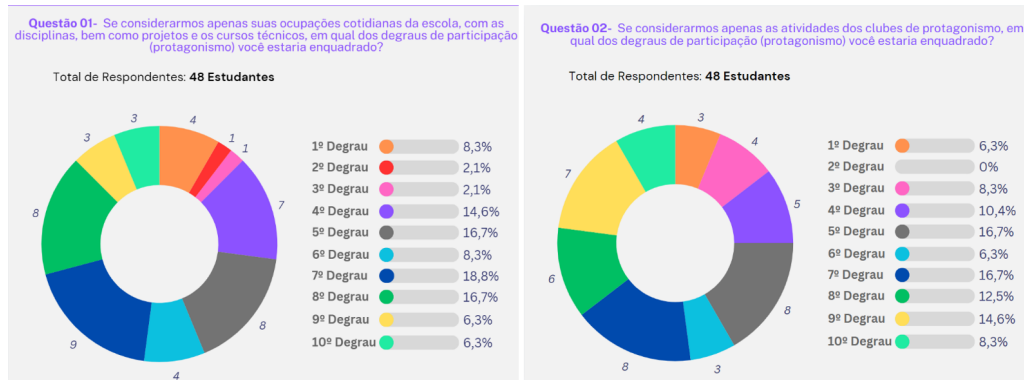
Após esta exposição, eles foram convidados a responderem 3 questões identificando em qual degrau, de participação se enquadravam. Os contextos dos questionamentos evidenciavam, as atividades do EMI, de maneira isolada, depois as atividades juvenis nos clubes, também de maneira isolada, e por fim as suas percepções quando se unem os dois momentos vivenciados.

Os dados foram expressos em termos percentuais e as informações categorizadas, estabelecendo que os 3 primeiros degraus se configurariam como representando de um processo participativo dependente, do quarto ao sétimo degrau foi estabelecido que representaria um processo participativo pouco dependente, e os três últimos degraus foi estabelecido a representação de um processo participativo independente, onde se verificaria o desenvolvimento pleno da autonomia. O trabalho foi aprovado em Comitê de Ética para realização sob nº 6.923.795, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

3. Resultados e discussão

Após aplicação do questionário, os dados foram tratados e obtidos as informações que particularizam, tanto os clubes, quanto os contextos escolares:

Figura 1. Respostas dos questionamentos 01 e 02 realizados aos estudantes.



Fonte: Os autores (2025).

A partir dos dados obtidos, é possível verificar que os estudantes que apresentaram uma autopercepção de ação participativa dependente, somam 12,5%, aqueles que se autopercebem em um processo de participação pouco dependente, somam 58,2%, e os que se autopercebem como independentes no processo participativo somam 29,3%. É notório que a maioria dos respondentes se autopercebem dentro do intervalo que é caracterizado como que representando uma ação participativa pouco dependente, ou seja, apesar de entenderem que possuem certa autonomia, diante das atividades escolares, eles entendem que ainda precisam do auxílio de terceiros para que as atividades escolares se efetivem de maneira eficaz.

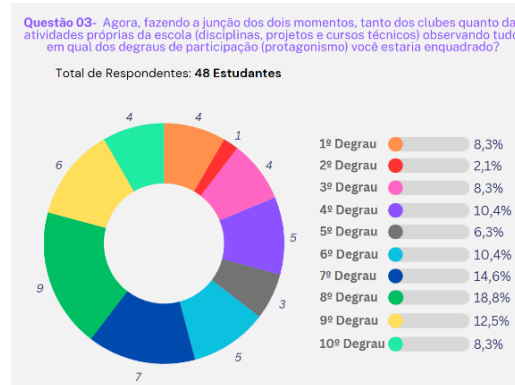
Tal fato não é algo negativo, tão pouco poderia ser, uma vez que os estudantes estão em processo de desenvolvimento cognitivo, e passam por uma das fases mais importantes da vida de qualquer estudante, que é o EMI. Nesse contexto, é natural, e até mesmo viável, que os jovens entendam que não podem desenvolver todos os conhecimentos da vida escolar na individualidade, compreender, nesta fase da vida, que para o pleno desenvolvimento se faz necessário uma ação não isolada é importante, ainda mais por estarmos lidando com questões da sistematização do ensino, que é o que precisamente a escola faz. Costa (2000) vem afirmar que o desenvolvimento do protagonismo juvenil pode se apresentar como uma atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, junto a pessoas do mundo adulto (educadores), na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla. Ou seja, é uma modalidade de ação educativa, por meio da qual, se criam condições capazes de possibilitar, àqueles, o desenvolvimento de iniciativa, liberdades e compromisso com as demandas que lhe são apresentadas, esse processo não lesa a construção de autonomia, muito pelo contrário, dá condições ao estudante de compreender as bases e processos de conhecimentos que lhe oportunizarão desenvolvê-la.

Já no que se refere aos dados da segunda questão, o gráfico apresenta que 14,6% se autopercebem como que dependentes em seus processos de participação nos Clubes, 50% se autopercebem como pouco dependentes e 35,4% responderam que se percebem em um processo independente quando analisam as atividades dos clubes de maneira isolada. E assim, é possível ver que nas atividades dos Clubes, é verificado um percentual um pouco maior de estudantes que se autopercebem autônomos em seus processos de participação. Mesmo se tratando de uma leve ascendência percentual, podemos afirmar que, para este grupo, a atividade dos Clubes tem dado oportunidade de uma abertura para o desenvolvimento de ações protagonistas com a finalidade de autonomia daqueles que dele participa. É importante destacar que os estudantes demonstraram que, as atividades dos Clubes, quanto as atividades escolares compulsórias, são importantes em suas vidas e nos processos de participação protagonista.

Esse fato corrobora o pensamento de Costa (2000) quando esclarece que, aos jovens, devem ser oportunizados espaços democráticos, de reflexão e de orientação para que o protagonismo de fato ocorra, uma vez que, este, é processual e deverá ser despertado nos jovens através de ações que fomentam a iniciativa, a proatividade e a reflexão, algo que, de acordo com os dados apresentados, tem ocorrido em ambos os espaços educativos, revelando assim, um espaço de cooperação, para que o desenvolvimento deles seja pleno, quer nas atividades escolares compulsórias, quer nos Clubes. Diante deste contexto, é necessário finalizar as inferências do questionário, analisando, agora, os posicionamentos dos jovens quando solicitados a refletir sobre seus níveis de participação, ou de produção de autonomia, a partir da junção dos dois momentos, ou seja, na vivência das atividades dos Clubes juntamente com as obrigações do EMI.

A terceira e última questão, apresentado na Figura 2 abaixo, oportunizou a análise das seguintes informações: 18,7% dos estudantes consideram que, na situação onde todas as atividades descritas acima coabitam, seus níveis de participação para o desenvolvimento de autonomia se encontram na classe que foi denominada como uma participação dependente. Aos que se definiram em um estágio de pouca dependência somam 41,7% e aqueles que acreditam vivenciar um estágio de participação efetivo, onde o protagonismo e autonomia são experienciados, somam 39,6%. Dentre todos os dados até então expostos, este último quesito teve uma particularidade a ser evidenciada, pois, tanto aqueles que se enquadraram na categoria de “participação dependente”, quanto aqueles que se enquadraram na categoria de independentes tiveram um aumento nas porcentagens se comparado com os dois últimos quesitos, obtendo assim, o maior percentual em ambas as situações.

Figura 2. Respostas ao questionamento 03 realizado aos estudantes.



Fonte: Os autores (2025)

É importante lembrar que, apesar dos Clubes exigirem, dos estudantes, várias demandas que devem ser efetivadas através de um processo autônomo, que os conduz a desenvolver seus processos criativos e de gestão (Silva, 2018), os Clubes não se estabelecem como atividades obrigatórias e o nível de participação e interação dos jovens com as atividades propostas deve ser determinada por cada jovem, dentro dos seus anseios e limites.

A outra porcentagem, no entanto, traz a situação inversa desta que foi apresentada: o aumento da porcentagem daqueles que se posicionaram com uma ação participativa independente, após refletirem sobre a junção das atividades dentro do contexto escolar, pode indicar que a intersecção das atividades dos Clubes com as escolares, tem contribuído para o avanço da autonomia durante a efetivação das atividades propostas. Um outro indicador, desta afirmação, é o fato da porcentagem daqueles que afirmam estarem em um estágio de participação independente ser mais que o dobro daqueles que afirmam estar em um estágio de participação protagonista dependente.

4. Considerações finais

Neste ensejo, foi notório que o protagonismo e a autonomia juvenil, no contexto do Ensino Médio Integrado, se constroem de forma gradativa e estão diretamente ligados à forma como os jovens se percebem nos espaços de participação. A predominância da autopercepção como “pouco dependente” nas atividades escolares indica uma autonomia em desenvolvimento, ainda sustentada pelo apoio de educadores. Nos Clubes de Protagonismo Estudantis, observou-se um leve avanço na percepção de independência, sinalizando que esses espaços favorecem a iniciativa pessoal. Entretanto, a combinação entre as exigências escolares e as atividades dos clubes pode gerar efeitos distintos, ora impulsionando a autonomia, ora causando sobrecarga. Esses dados reforçam a necessidade de oportunizar experiências equilibradas e bem acompanhadas aos jovens, que respeitem seus limites individuais. Diante disto, é visto e necessário que a escola deve atuar como mediadora sensível, promovendo momentos e espaços que favoreçam a construção do protagonismo juvenil com sentido, apoio e respeito às singularidades de cada estudante.

Referências

COSTA A.C.G. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht; 2000.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os institutos federais : uma revolução na educação profissional e tecnológica**. – Natal : IFRN, 2010. 28 p. ISBN 978-85-89571-68-5. E-book. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1013/Os%20institutos%20federais%20-%20Ebook.pdf> . Acesso em: 01/06/2025.

SANTOS, Edvaldo Albuquerque dos. **Clube Juvenil: Tempo e espaço de participação juvenil no ensino médio público de alagoas**. CONEDU – VII congresso Nacional de educação. Maceió – AL . 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA21_ID240_31082020110322.pdf. Acesso em: 01/06/2025.

SILVA, Lilian Bartira Santos. **DA GESTÃO À ESCUTA - uma análise sobre as experiências de clubes de rádio em escolas públicas de fortaleza**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35836/1/2018_dis_lbssilva.pdf. Acesso em: 01/06/2025.